

TORNAR-SE NEGRO EM PELOTAS: UMA REFLEXÃO A PARTIR DA PSICOLOGIA

KIZZY COUTINHO VITÓRIA¹; GIOVANA FAGUNDES LUCZINSKI²

¹Universidade Federal de Pelotas – kcouthovitoria@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – giovana.luczinski@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A história da cidade de Pelotas/ RS é recheada de coisas não ditas. Há um orgulho em ressaltar os prédios e os feitos históricos, como o fato de ser a segunda cidade no país a ter um banco, mas não se diz de onde vinha toda a riqueza que fez com que Pelotas tivesse importância nos cenários estadual e nacional. Conhecida como Princesa do Sul, sua riqueza é fruto da exploração e da escravização da mão de obra negra que foi trazida de África, atingindo seu auge em 1780, no século XVIII. Era chamada também de purgatório dos negros¹, local onde negros fujões de diversas regiões do país eram mandados para serem castigados. O frio e a umidade são fatores importantes para entender porque a princesa do Sul teve esse apelido, pois nessas condições, o Arroio Pelotas foi cenário de castigos que muitas vezes eram infligidos até que o escravizado viesse a óbito.

Diante desse cenário, Pelotas não deveria ter o apelido de Princesa do Sul ou Terra do Doce. Pelotas é a terra do Charque e da Sinhá que permitia tamanha violência, se desenvolvendo e enriquecendo às custas de um povo que hoje está localizado nas periferias da cidade. A construção da identidade do povo preto pelotense se dá, assim como em todo o Estado do Rio Grande do Sul, baseada em dor e na exaltação de um local hostil. Nesse sentido, a rapper e *slammer*² Cristal Rocha, na música Rude Girl³ fala sobre andar pela cidade natal e sentir-se um intruso. Nos tornamos negros sentindo na pele a violência do racismo. Violência essa que, em Pelotas, é uma violência silenciada. Quando exaltam-se as charqueadas em eventos festivos, evidencia-se a violência racista, que deixa nítido que a dor que o meu povo sentiu não tem importância.

Ser fruto desse chão é estar dentro das instituições de ensino e não encontrar nenhuma referência positiva sobre o lugar que as pessoas negras ocupam. É acreditar que a sociedade nos aceita mas, ao sair para a realidade, sentir a constante hostilidade imposta aos corpos negros gerando impactos na saúde mental, muitas vezes sem entender que essa violência é fruto de um passado de colonização que ainda exerce poder no âmago da sociedade.

As reflexões aqui trazidas partem do âmbito da Psicologia em intersecções necessárias para a construção de práticas antirracistas na universidade, reconhecendo a importância da historicidade na construção da subjetividade. Nesse sentido, a Universidade Federal de Pelotas tem um papel, estando situada dentro da cidade e da sociedade pelotense.

¹Através da história oral, Pelotas ficou conhecida como o Purgatório dos Negros em razão das condições de vida em que os escravizados eram submetidos durante o período das Charqueadas.

²Oriundos do Poetry Slam, os slammers são poetas que recitam trabalhos originais em competições que estão configuradas em batalhas de rima.

³Rude Girl - Cristal (prod. MDN Beatz), 2019.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste trabalho, de cunho teórico-experiencial, se alicerça no método fenomenológico de investigação, cujos passos são: observação, descrição e compreensão da realidade (CARDOSO, 2018). O primeiro passo requer o que Husserl denomina de saída da atitude natural, para que se possa adentrar a postura investigativa, situando historicamente as referências culturais para que se inicie o processo de construção do conhecimento. Para tal, a *epoché*, ou redução fenomenológica, torna-se fundamental (ZAHAVI, 2019). Consiste em evidenciar o olhar singular da pesquisadora, bem como as estruturas de poder que se desenham no contexto investigado. Este estudo teórico se vincula ao Laboratório de Estudos e Pesquisas em Fenomenologia e Psicologia Existencial *Epoché*.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando Pelotas nega a sua negritude e escolhe qual parte do seu passado pretende contar, ela demonstra o seu racismo através de um movimento que invisibiliza e rejeita grande parte da sua população, naturalizando uma espécie de hierarquização entre pessoas. Segundo ALMEIDA (2018) a naturalização do racismo é uma das diversas formas de manutenção da estrutura racista que permeia a sociedade em que vivemos, visto que associamos racismo apenas as atitudes explícitas e deixamos passar despercebidas pequenas ações que também são um reflexo da colonização e da ideia de que os negros eram inferiores, construída no período da escravização no país. É possível observar a nítida separação que há entre os negros e os não-negros nos locais públicos e privados de Pelotas. Sabemos os locais onde as pessoas negras estarão servindo e os locais onde estaremos sendo servidos, sabemos onde somos bem-vindos e onde não somos. Tal segregação se reflete na cena social e artística da cidade, sendo dimensões que interferem objetiva e subjetivamente na vida das pessoas.

O processo de tornar-se negro em Pelotas é, para a maioria da população negra que aqui reside, um processo que se dá em meio a segregação, racismo e contextos que frequentemente fazem com que negar a negritude seja a única opção. O rapper pelotense Zudizilla, na música Febre⁴ fala sobre ter sido criado nas calçadas de um lugar no extremo Sul que se orgulha de sua história bizarra e de seus desdobramentos para conseguir prosperar artisticamente onde não há abertura para a apropriação da cultura negra e/ou protagonismo e valorização dessa cultura.

Os acordos silenciosos ficam evidentes quando se pensa no cenário cultural pelotense que abraça Kleiton & Kledir, cantores brancos de MPB, valorizando esse gênero musical, mas não propicia que talentos da cultura hip hop tenham oportunidades e destaquem-se nos eventos populares da cidade, fazendo com que esses talentos acabem por ir embora de Mississipel⁵.

SOUSA (1983), fala sobre a busca pelo ideal de brancura que nós negros percorremos na tentativa de alcançarmos a humanidade que nos foi tirada e também

⁴ Febre - Zudizilla. Faça a Coisa Certa, 2016.

⁵ Em referência a cidade de Mississipi, nos EUA, o rapper Zudizilla faz o trocadilho relacionando com a cidade de Pelotas.

na tentativa de sermos aceitos pela sociedade. O hip hop e o movimento negro Pelotense foram os mecanismos que permitiram que eu, ainda criança, entrasse em contato com as mais diversas formas de expressão e as mais variadas formas de ser negra. Tornei-me negra num chão fértil onde eu poderia plantar as minhas sementes e germiná-las com o que de mais potente havia em mim: o amor à negritude, tendo as produções artístico-culturais um papel fundamental nessa trajetória.

HOOKS (2019) fala sobre amar como um verbo, não um substantivo, e nos faz refletir na importância de sabermos as nossas raízes, voltarmos para elas como a única forma de nos desvencilharmos das ciladas da colonização, e, assim, podermos criar um futuro melhor para que as próximas gerações não precisem vestir as máscaras brancas denunciadas por FANON (2020) para conseguirem sobreviver às fronteiras pré-estabelecidas pelo racismo. Tais fronteiras são abstratas, delimitadas a partir do corpo negro, de como ele é visto e de que lugar foi reservado para ele na sociedade. Dessa forma, as fronteiras criadas, assim como as demandas da população negra, são recebidas pelo resto da cidade, que, nos vê sempre como os outros e não com a dignidade que é merecida. Somos colocados física e psiquicamente num lugar de dor, não reconhecendo as mais diversas expressões negras que são fruto de resistência e de transformação da luta em sorrisos, danças, versos, grafites, samba e poesia (ALVIM, 2019).

Assumir um compromisso com a diversidade e com o antirracismo passa também por reconhecer a importância, a relevância e a potência da arte negra como um material rico em informações e conhecimento popular que pode ser propulsor de uma escuta mais qualificada e engajada.

Dessa forma, a psicologia tem um papel imprescindível na pesquisa, na crítica e na intervenção relativa a essas questões. Como campo do saber ligado à saúde e às ciências humanas, tem responsabilidade na construção de uma sociedade mais igualitária que olhe para as mais diversas intersecções e hierarquias que constituem o imaginário social. Dessa forma, pode construir uma ciência que esteja atenta às peculiaridades dos locais, evitando a produção e perpetuação de sofrimentos psíquicos, através de um diálogo que se posicione também para fora dos muros da academia e dos consultórios particulares.

Trata-se de acolher os movimentos sociais e as mais diversas formas de expressão dessas subjetividades que são marcadas pelo racismo. Partir do local de reconhecimento de outras fontes de saber, de uma busca de mudança de postura, faz com que a Psicologia deixe de ocupar um lugar de detentora do saber psicológico e passe a ocupar um local de implicação com a transformação, observando atentamente os fenômenos micro e macro que estão presentes desde o período da escravidão e como eles ainda repercutem nas subjetividades. Essa parece ser a forma possível de pensar outras formas de cuidados que levem em conta as especificidades apontadas e sejam verdadeiramente inclusivas.

4. CONCLUSÕES

A partir da discussão trazida, a Universidade Federal de Pelotas pode ser considerada um importante dispositivo para pensar estratégias de reconhecimento desse chão preto que é a cidade de Pelotas. Inúmeras práticas precisam ser

transformadas para que o ambiente acadêmico não reproduza uma ciência exclusivamente branca, elitista, machista e instrumental. A recente valorização da figura da Griô Sirley Amaro e o núcleo de pesquisas Êleeko dentro do curso de Psicologia são exemplos de que é possível pensar e produzir ambientes que cultivem sementes pretas, locais onde seja possível entrar em contato com a cultura negra de uma forma não pejorativa e fomentar talentos a partir disso. Pensar como a experiência de sentir-se intruso impacta tanto os alunos negros pelotenses quanto os alunos negros de outros estados é um tema fundamental no campo da Psicologia.

Nesse processo, a articulação com expressões artísticas se mostra fundamental. A presença do movimento negro e do movimento hip hop de Pelotas dentro do curso de Psicologia se faz importante para articular ações que entrelacem sociedade, arte, conhecimentos tradicionais, tradição oral, os quais precisam ser valorizados enquanto produção de conhecimento num processo de diálogo com os conhecimentos produzidos dentro da academia de forma não hierarquizante. Essa articulação é necessária, visto que a maioria dos estágios curriculares acontecem em espaços de saúde e assistência social vinculados ao SUS e ao SUAS, localizados em locais periféricos onde a maioria da população negra se encontra. É necessário pensar o processo de tornar-se negro e entender que ele se dá na coletividade e que a psicologia deve ser mais um dos elementos que conspiram para que haja a manutenção da saúde mental dessa população, sem mais apagamentos subjetivos e distanciamentos dessas realidades.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, S.L. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- FANON, F. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- HOOKS, B. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.
- ZAHAVI, D. **Fenomenologia para iniciantes**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2019.
- SOUSA, N. S. **Tornar-se Negro: as vicissitudes de identidade do negro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.
- CARDOSO, L.C. Apontamentos sobre a utilização do método fenomenológico na psicoterapia. In: GIOVANETTI, J.P. **Fenomenologia e Psicologia Clínica**. Belo Horizonte: Editora Artesã, 2018. 2, 33 - 51.
- ALVIM, M, B. A Gestalt-Terapia na Fronteira: Alteridade e Reconhecimento como Cuidado. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro , v. 19, n. spe, p. 880-895, dez. 2019 .